

## **Linhas Abertas 02 - Cidades em Cidades: Uma História do Presente**

- Nós vamos apresentar agora um trabalho sobre o problema das favelas no antropoceno

Há muitos e muitos anos atrás o mundo era organizado de um jeito bem diferente a terra era dividida e subdividida por fronteiras invisíveis. Os continentes se dividiram em países e os mesmos se dividem em estados e cidades onde as pessoas moravam.

As cidades também tinham suas divisões internas que determinavam onde cada pessoa iria trabalhar, viver e descansar. Baseado na troca de capital acumulado ou como chamavam na época, dinheiro.

Quanto mais dinheiro, mais espaço, mais serviços ao redor, mais estrutura. E quanto mais espaço, mais serviços e mais estrutura, mais dinheiro era necessário para viver ali. Na época chamavam isso de especulação imobiliária

Entre os séculos 20 e 21 muitos habitantes sem condições de acumular o capital necessário se viram obrigados a construir suas próprias casas em terrenos vazios que não os pertenciam. Muitas vezes com pouco espaço e sem estrutura. Chamavam-se favelas

- Eu achei o Spama aqui, com colegas que moravam aqui. OS amigos que moravam aqui falou assim, rapaz...

- Eu morei no Aldeinha, quando saímos de lá, quando chegou a hora de sair, quando a prefeitura tirou todo mundo

- Um colega meu falou: "Rapaz, já que a prefeitura tirou vocês, eu tenho um local bom para vocês morarem"

- Eu pedi para ele dizer onde era, ele disse: "É em Pirituba, lá no Spama"

- Ai eu concordei e ele me levou para eu vir conhecer

- Procurei alguns e uns locais e achei onde estou morando hoje, Graças à Deus, ali na frente.

- Por isso que através dele eu comprei um barraquinho aqui no Spama para eu ficar

- Aqui mora eu, minha mulher, meu filho e mais dois filhos da minha mulher que não são meus de sangue

- Você quer ser repórter um dia?

- Hm?

- Você quer ser repórter um dia? Quer?

- Então você vai com aquele cara lá, que ele vai levar você para ser repórter, entendeu?

- Você vai andar o mundo todo com eles

- O pessoal descobriu que tinha na frente, ali onde você entrou, uma mangueira de água, começaram a cavar uma vala e acharam a mangueira
  - E começaram a ligar a água para dentro da comunidade, clandestinamente.
  - Fazia a fila de mulher para lavar a louça, lavar a roupa naquela torneira ali.
  - Nós fizemos uma associação, de oito pessoas, aí fomos na SABESP, discutimos com eles para que colocassem água para a comunidade
  - Dali para frente a SABESP colocou para nós.
  - Nós tínhamos, vai fazer uns três anos essa água, mas mesmo assim nós pedimos um relógio para eles colocarem aqui para nós, para podermos distribuir para a população
  - Tem gelinho?
  - Tem
  - Nós saímos recolhendo dinheiro dos moradores para conseguir pagar essa conta
  - Não conseguimos colocar um relógio para cada um aqui.
  - Pois como o terreno está em jurídico, tentaram nos tirar umas três vezes, mas tem uns defensores e advogados público que estão cuidando desse caso. De não nos tirar daqui.
  - Estou na comunidade faz de 29 a 30 anos, já acabe o tratamento do direito do usopião.
  - Mas está em processo, está no jurídico
  - Não subiu aí?
  - Depois eu venho aí
  - Eles resolveram agora cobrar esgoto do pessoal, algo que eles não têm o direito, pois toda a rede de esgoto que foi feita pelos moradores
  - Vinha mil e duzentos, mil e trezentos de água, está vindo agora dois mil e duzentos, então se a gente tem uma dificuldade para arrecadar esse dinheiro só com a água potável, você imagina agora com esse esgoto junto.
  - Vou pegar aqui uma madeira
  - Então, isso é o esgoto que a SABESP está cobrando, não deveria cobrar, para você ter uma ideia do que significa a realidade de quem mora na comunidade que é discriminada pelo poder público.
  - A primeira favela surgiu na virada do século 19 para o 20 onde existia a cidade do Rio de Janeiro.
- A Guerra de Canudos tinha acabado e os soldados voltavam para a cidade sem trabalho e sem moradia.

Acabaram se instalando no morro da Providência em casas de madeiras que eles mesmos construíam.

Favela era uma planta muito comum na Caatinga, vegetação que existia no nordeste brasileiro de onde acabavam de voltar.

Com o declínio da escravidão alguns escravos libertos também se instalaram ali. O Brasil passou de um país agrícola para um país industrial atraindo os habitantes do campo para as cidades em busca de trabalho.

Trabalho era uma das formas de se acumular capital caso você já não nascesse com ele. Era preciso trabalhar muito e ainda sim não se acumulava o suficiente. Assim, mais e mais pessoas passaram a morar nas favelas.

Por muitos anos os diferentes governos, responsáveis por organizar a sociedade, trataram de remover e eliminar as favelas. Mas com o aumento da desigualdade social o efeito foi justamente o contrário.

Desigualdade social era quando uma grande quantia de dinheiro ficava nas mãos de poucas pessoas. Enquanto muitas tentavam sobreviver dividindo o pouco que sobrava.

Com o tempo, as favelas passaram a ocupar áreas onde se viam mais acúmulo de capital.

Ao invés de repensar o planejamento das cidades, esses locais foram cercados de muros altos com portões extras e câmeras de segurança. Na tentativa de criar novas barreiras entre os cidadãos.

É apenas no final do século 20 que surge o conceito de urbanização de favelas. A transformação das favelas em bairros através do acesso ao saneamento básico, luz, energia, saúde, educação e transporte. Mas esse processo era complexo, as casas eram muitas e muito próximas, as ruas estreitas. Para atender as necessidades básicas era preciso abrir espaço e para isso remover famílias que ficavam sem ter para onde ir.

Também era necessário regularizar a documentação com os donos dos terrenos ocupados, o que requeria dinheiro e vontade política.

O século 21 trouxe a preocupação com o meio ambiente já que muitas favelas estavam em áreas próximas a represas, rios e florestas.

Com a criação do ministério das cidades, a urbanização das favelas se torna uma política de estado tentando unir o direito a moradias com a recuperação de áreas ambientais. Isso influenciou muito comunidades como o Sítio Joaninha, localizado nas proximidades da represa Billings então grande fornecedor de água para as cidades de São Paulo. Na época, uma das mais importantes do país.

Quando essas imagens foram feitas, os moradores aguardavam a urbanização da comunidade prometida pela prefeitura. Mas como estavam em áreas de preservação ambiental, o processo foi ainda mais difícil.

- O bairro começou a desenvolver quando o cemitério Vale da Paz chegou, aí então já na época do Vale da Paz e abriu a rua de trás e colocou energia até o fim do cemitério.
- Nós quando chegamos aqui, antes de virmos morar, meu pai morava no Eldorado e teve que passar a casa que tinha lá, e ao fazer isso, para não ficar na rua ele saiu por dentro dos matos procurando um meio de moradia
- Foi onde ele achou essa família que era a família Arruda e onde ela cedeu esse espaço que criava galinha e falou: "Aqui tem esse espaço e vocês fiquem até conseguir construir".
- O documento que nós temos hoje é um documento que para a prefeitura não vale e nem para o cartório e o documento só passa a ser válido a partir do momento que está no cartório.
- Sempre nos nossos debates com a prefeitura eles jogam isso na nossa cara que o nosso documento é um papel de pão.
- Por exemplo, essa casa mesmo que eu construí com tanta dificuldade, ela está demarcada para sair.
- E essa é a nossa preocupação, do tempo passando e de repente chegaram as máquinas derrubando tudo e o que fazer com esse povo?
- Para que esta arrumando o bairro se está saindo tanta casa? Para que o asfalto sem casa? É isso que também queremos entender
- Eu não tenho como falar, até porque não conseguimos entender
- A noite passado mesmo eu estive sonhando, parecia que eu estava dormindo com a máquina derrubando a minha casa
- É tanta coisa, a máquina vai derrubar, o povo vai derrubar, a prefeitura vai derrubar, tudo isso vai pirando.
- Um amigo do meu esposo falou que tinha aqui um terreno para vender
- Ai viemos, conhecemos, era um lugar bem abandonado, nos apaixonamos e viemos para cá.
- Pode entrar, fica à vontade.
- O documento que temos comprovando que é nosso é esse contrato
- Um contrato que reconhecemos firma na época, que antes era de Davi, ele ficou vinte anos, nós já estamos a dez anos aqui
- Na realidade ele me ofereceu, ele sempre falava para mim: "Ah Ademir compra a minha chacarazinha lá em Diadema"
- Ai eu falei: "Chácara? Você é louco? Não tenho dinheiro não"

- "Vamos lá, aquele canto não me interessa, eu sou solteiro, então para mim não tem futuro nenhum ali, é para vocês que são casados, é um bom investimento"
- Eu sei que vínhamos andando ali e nada de chegar esse lugar, eu falei: "Nossa, Deus me livre vir morar nisso aqui"
- Ai descendo eu falei: "Não chega essa casa", foi quando chegamos nessa entrada aqui.
- Aí quando nós vimos, logo de cara nos apaixonamos, e olha que estava muito bem, abandonado.
- Era bem abandonado aqui
- Bem abandonado, abandonado mesmo
- Aí nós entramos aqui, tinha até uma placa de venda, que tinha sido posto para vender.
- Quando nós chegamos aqui a primeira coisa que a minha mulher falou foi: "Nós vamos comprar de qualquer jeito"
- Olha, o terreno mesmo é 500 m<sup>2</sup> de área construída
- Então, resolvemos nos unir porque estávamos vendo que o nosso Sítio Joaquina estava todo mundo querendo chamar de dono.
- Tinha terreno que já estava vendido e o pessoal estava vendendo de novo
- Ai agora que estão falando que quem tem terreno grande vai ter que dar um espaço para eles fica triste, pois o nosso sonho era ter um terreno maior
- Porque se fosse para ter um terreno menor eu moraria em São Paulo, onde eu morava, minha casa era três cômodos, eu vendi lá para comprar aqui
- Você é a representante da rua?
- Não, é a Paulinha
- Por isso que nos reunimos e montamos essa associação para termos direito dos nossos espaços que tinha que seu terreno tinha, quem não tinha o terreno fica lá
- Porque senão esses terrenos não teriam mais nada, estaria tudo vendido
- A questão de ter a casa, na minha opinião não tiraria uma, pois se fosse para fazer sair,era para ter sido parado antes de começar a construir o bairro e começasse a se expandir
- Não deixar chegar a esse ponto para chegar agora e falar: "Vamos ter que desmanchar porque tem mil, vamos ter que tirar as outras quinhentas"
- Eu acho que está jogando todo mundo para de baixo de uma ponte.

- Porque esse negócio de bolsa aluguel é a pior ilusão que tem, porque quem vai viver hoje em dia com trezentos e trinta reais?
- Qual casa que hoje você aluga com trezentos e trinta reais para morar com uma família?
- Um dos maiores exemplos da política de urbanização de favelas no século 21 foi a comunidade de Heliópolis que chegou a ter mais de duzentos mil habitantes
- Localizada na então cidade de São Paulo, a comunidade era conhecida pela forte associação de moradores que lutavam pelo direito de morar ali
- No ano de 2006 Heliópolis foi oficialmente nomeada bairro, ainda sim, os moradores não tinham a escritura de suas casas, o documento oficial que garantia que ninguém podia tirar eles de lá.
- Mesmo com a urbanização, o fantasma do despejo rondava a comunidade
- Olha, quando eu vim morar aqui no Heliópolis, no final de 1979 para 1980, tinham 60 barracos de madeiras aqui
- Todo esse quilômetro quadrado estava dividido entre os Grileiros
- Quando eu chego eles pedem para fazer um contrato de aluguel, pois se eu estava saindo do aluguel porque eu tinha que fazer um contrato de aluguel aqui da favela?
- E para mim isso não estava muito claro e eu resisti, falei que não ia
- Tivemos muitas perseguições para sairmos daqui
- Mas enquanto isso durante o dia eu estava conversando com os moradores e comecei a organizar os moradores para ninguém pagar.
- E falando para ele das dificuldades, como vamos pagar um aluguel, não temos água, não temos luz, não temos nada.
- E consegui alguns aliados dessas famílias, a maioria tinha muito medo deles, muito medo
- A maioria das mulheres eram muito obedientes aos homens, eu era considerada um rebelde pois eu não obedecia e essas coisas aconteciam no dia a dia aqui da comunidade.
- Isso até um dia que estava aqui eu, João, meu cunhado e chegaram 10 homens pegando nós 3 preparados para nos matar
- E aí fomos para o hospital, João teve um derrame, fomos muito espancados, nos machucaram muito, aí ficou mais difícil ainda
- Ali estávamos num momento de nos mobilizarmos para lutar pela garantia do direito de morar aqui

- Isso aqui foi crescendo, crescendo e crescendo, tivemos mais facilidade de conseguir articular mais gente junto da luta, e a mesma foi se fortalecendo
- E hoje é uma realidade, já não é só um grupinho.
- Então, o mínimo, era que passassem para nós, para acabar com esse fantasma do despejo.
- Foi uma das nossas maiores conquistas ter uma casa de alvenaria para morar
- Ai os filhos nasceram aqui, eles casaram e construíram a parte de cima para morar.
- E esse modelo não é o meu modelo, esse modelo é da maioria do povo aqui da comunidade
- Eu estou procurando casa para alugar, eu moro de aluguel já tem mais ou menos uns 9 anos
- Mas com a chuva que teve em março, danificou a casa atrás da que eu morava e com isso corre o risco de danificar a minha também.
- De valores vai variar muito dentro da comunidade em questão de tamanho de casa, nós temos locais na comunidade como eu disse.
- Dentro de viela que não tem o acesso
- Uma casa de dois cômodos do tamanho da que eu moro vai ser na faixa de uns 450 reais por exemplo.
- Já a casa que eu moro hoje, próximo a rua da Nina, ela já vai estar mais ou menos nessa faixa que eu pago, de 600 a 650 reais.
- Pela questão da comodidade, de estar próximo à avenida, próximo a toda a referência que temos.
- A questão de ser um bairro, a questão da estrutura, para a prefeitura, para a mídia, para os governos, é muito mais bonito falar que é uma comunidade e tudo mais
- Mas na verdade eles não querem dar o poder de posse realmente para quem mora na comunidade.
- Aí nós vemos essa questão da casa, nós levamos ele para olhar a casa sim
- Nós batalhamos muitos anos para isso, pois você imagina pessoas que moram há 50 anos dentro da comunidade, construindo a casa lá no início
- Ele não tem nem o recibo de compra e venda porque não é fornecido, ele não pode dizer que é dono do imóvel.
- A Cohab veio, lançou uma cartilha para nós, e ela foi muito clara nessa questão do aluguel, que o terreno é dela, ela não autorizou ninguém a alugar e se tiver alugado a pessoa vai perder.

- Porque dentro da comunidade temos muito mercado informal, é comércio, é loja, assim como a questão da imobiliária também
- A pessoa procura uma casa para alugar, da mesma maneira tem a imobiliária fora, toda registrando, com toda a questão de documentação, abriram suas imobiliárias informais dentro da comunidade
- To procurando uma casa com 3 cômodos nessa faixa
- Quarto, sala e cozinha?
- Isso
- Depois que fizeram o cadastro do Bolsa Aluguel, a maioria das pessoas que tinham casas aqui na comunidade, eles elevaram os valores de seus aluguéis
- Então o cara que cobrava 200 reais no aluguel, ele subiu o aluguel dele para 350 reais
- Nós perdemos o título de favela porque trabalhamos para a questão de ser um bairro educador.
- A UNAS também faz o trabalho para que Heliópolis seja um bairro, mas um bairro por completo, com toda a estrutura que um bairro mereça
- Pra mim a urbanização é tudo isso, é a segregação de todas essas necessidades no desenvolvimento humano, que tem que enxergar, tem que ter esse investimento para que cada vez mais a gente se sinta contemplado
- Aqui nós temos muita coisa que acontece mas ainda precisamos lutar por muita coisa porque temos escolas, temos unidades de saúde, mas não tem recurso para esses projetos funcionarem
- Ai eu fico me perguntando: "Pode estar urbanizado, mas para tudo isso precisa ter um planejamento financeiro para dar sustentabilidade a toda essa urbanização"
- Que não tem
- A redução das barreiras invisíveis trazidas pela urbanização fortaleceu\* a especulação imobiliária.
- Com isso, os habitantes com menos dinheiro eram muitas vezes empurrados para situações ainda mais precárias de moradia mudando para outras regiões ou favelas não urbanizadas e portanto mais baratas
- Você sabe que quando se tem uma comunidade dessa, rodeado de prédio em volta, eu acho que fica tirando a visão dos condomínios
- Por mais caro... Mesmo que eles sejam seres humanos assim como nós, eles não são melhores do que nós, só que eles acham injusto morar num local que existe uma comunidade
- E a favela está num local que o filho dele não deveria estar

Eram tempos em que as pessoas se organizavam não pela qualidade de vida das pessoas, mas pelo negócio. A moradia não como um direito, mas como um investimento financeiro.

Apesar das melhorias trazidas pela urbanização enquanto foram regidas pelo dinheiro, as cidades nunca pararam de construir novas favelas. Segregamos mais necessitados para de trás dos muros, para cantos extremos e sem estrutura, tentando esconder o que ela mesma criou.

- Ainda bem que isso acabou, não é?